

LIVROS PORTUGAL

Publicação mensal da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros



**MANUEL POPPE
UM AUTOR EM DESTAQUE**

58.ª FEIRA DO LIVRO

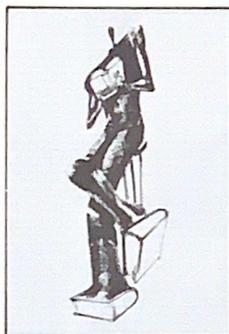
Ano I • N.º 6 • JUNHO 1988 • 200\$00

LIVROS PORTUGAL

Publicação mensal da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros

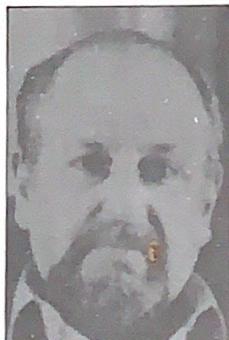
3 • EDITORIAL

5 • NOTICIÁRIO EDITORIAL E LIVREIRO

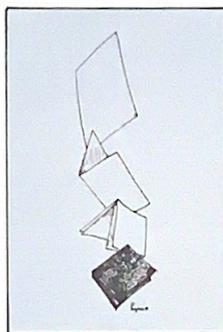


9 • CENTRO PORTUGUÊS ISDS

11 • MANUEL POPPE UM CRÍTICO DO OUTRO LADO DO ESPELHO



15 • LIVROS INFANTIS



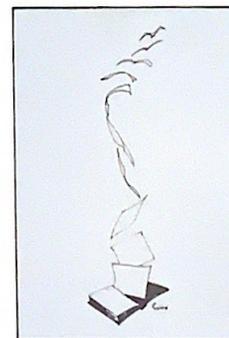
17 • 58.ª FEIRA DO LIVRO



21 • ESCRITORES NAS ESCOLAS A PARTIR DE SETEMBRO



23 • INFORMAÇÃO EDITORIAL



31 • BIBLIOGRAFIA

LIVROS DE PORTUGAL — Publicação mensal da ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDITORES E LIVREIROS, com o apoio do INSTITUTO PORTUGUÊS DO LIVRO E DA LEITURA. Sede, Redacção e Administração de Livros de Portugal: Av.ª dos Estados Unidos da América, 97-6.º Esq. 1700 Lisboa — PORTUGAL — Telef. 889136 — Telex 62735 APEL P. Edição e Propriedade: Associação Portuguesa de Editores e Livreiros. Director: Francisco Espadinha. Capa e Arranjo Gráfico: Manuel Abrantes. Composição e Impressão: Companhia Editora do Minho — Barcelos. Direcção Gráfica: Fernando Batalha. Depósito Legal n.º 2056/83. Distribuição: Dinalivro/Lisboa. Tiragem: 3000 ex. Preço: 200\$00. Estrangeiro: US\$ 2. ISSN — 0870-5259. Assinatura por ano: Portugal — 2000\$00. Estrangeiro: US\$ 24.

ESTE ano, em comentários surgidos a propósito da Feira do Livro de Lisboa, falou-se muito na realização de um Salão do Livro como alternativa à Feira. Nuns casos, aludia-se vagamente à realização de um Salão Internacional do Livro, de contornos pouco definidos. Noutros, sugeria-se um Salão do Livro, como sucedâneo da Feira do Livro, a realizar em recinto fechado e com maior acentuação nas iniciativas de animação cultural.

Quanto à realização de um Salão Internacional do Livro, se for concebido como exposição-venda de publicações importadas, é pelo menos exequível, embora nos pareça de alcance limitado. Se, porém, se configurar como uma feira de direitos de publicação, à semelhança da Feira de Frankfurt — como parecem sugerir alguns dos seus defensores —, então parece-nos um projecto inviável. Quem viria a Portugal transaccionar direitos de autor?

De resto, se exceptuarmos a especializada Feira de Bolonha, já várias tentativas têm sido feitas em diferentes países para a organização de feiras paralelas à de Frankfurt, mas sem êxito. Uma duplicação da Feira alemã — feira de direitos por excelência — tem sido sistematicamente votada ao insucesso, talvez pela própria inutilidade de uma duplicação.

Por outro lado, os actuais Salões do Livro em nenhuma circunstância foram herdeiros de Feiras do Livro ao ar livre. Em Espanha, por exemplo, os Salões do Livro — conhecidos por LIBER — coexistem com as Feiras de recinto aberto.

Aliás, os Salões do Livro de Espanha, França e Inglaterra têm muito a ver com o papel que estes países desempenham como centros de irradiação cultural, fazendo convergir para esses certames desde bibliotecários e professores até livreiros e distribuidores, tanto do próprio país realizador do Salão como dos países integrantes da respectiva comunidade linguística.

Quanto às nossas Feiras do Livro de Lisboa e Porto — além das que se realizam um pouco por todo o país — apenas têm paralelo com as da vizinha Espanha, onde não há indicações de que estejam em vias de extinção.

Estas Feiras peninsulares encontram muito da sua razão de ser nas condições climatéricas favoráveis

EDITORIAL

EDITORIAL

LIVROSPORTUGAL

para a realização de certames ao ar livre. Além do clima, afigura-se-nos que a sua origem tem que ver com a necessidade, por parte dos profissionais do livro, de captar leitores. Em países onde os hábitos de leitura não são dos mais fortes, os livros vieram para a rua, formando um pequeno mercado — à maneira das feiras tradicionais — para ir ao encontro do leitor. E se é certo que esse pequeno mercado cresceu em dimensões, não menos certo é que se mantêm algumas das condições que estão na razão de ser da Feira do Livro ao ar livre: desde as baixas percentagens dos leitores habituais de livros, que são entre nós da ordem dos 28,5%, enquanto na Alemanha são de 74%, até à resposta francamente positiva que os visitantes continuam a dar ao apelo da Feira.

As Feiras do Livro ao ar livre continuam a atrair muito público, nomeadamente entre os não frequentadores habituais de livrarias. Ora, enquanto milhares de pessoas continuarem a utilizar os serviços da Feira, não nos parece que se justifique a sua substituição.

Depois, enquanto nos actuais certames está presente todo o fundo editorial em circulação, o mesmo não acontece com os Salões do Livro, que são sempre mostras limitadas, quase sempre orientadas para a apresentação das últimas novidades.

Por tudo isto, vale a pena pensar-se na organização de um Salão do Livro Português, não como sucedâneo das actuais Feiras, mas como iniciativa paralela com duração entre cinco dias a uma semana, onde predominem os aspectos culturais orientados para a promoção da leitura e para um melhor conhecimento do autor português.

Aliás, a realização próxima da Feira das Indústrias de Cultura, de que falaremos oportunamente, pode constituir para nós uma primeira experiência nesse sentido.



FRANCISCO ESPADINHA